

SE O PROBLEMA DA INFLAÇÃO NÃO FOR EQUACIONADO, NÃO DÁ PARA ENGATAR UM CRESCIMENTO.

(Luiz Eduardo Assis, diretor do Citibank.)

Cresce demanda por ativos reais

EXPECTATIVA POR MEDIDAS DE COMBATE À INFLAÇÃO AUMENTA PROCURA POR IMÓVEIS, TELEFONES E CARROS.

Arquivo/AE



Assis: inflação atrapalha.

Arquivo/AE



Capuano: procura por imóveis.

Arquivo/AE



Barros: aposta na estabilização.

INVESTIMENTO EM EMPRESAS

Cresce interesse pela aquisição de companhias

Enquanto parte dos investidores tenta se defender contra surpresas na área econômica, buscando proteção em ativos reais e de risco, duas empresas — Grupo Sadia e Polônia Participações — anunciaram novos investimentos na semana passada. Outras companhias prepararam-se para captar recursos no exterior, com o objetivo de investir na atividade, e várias negociações para aquisição de companhias estão em andamento. “Apesar da incerteza quanto ao que pode acontecer no curto prazo, muitas empresas trabalham com a perspectiva de que a estabilização não está tão longe e é preciso investir”, observa o consultor José Roberto Mendonça de Barros, da Mendonça de Barros & Associados, reforçando as análises feitas por parte do mercado financeiro, que aposta num cenário melhor, apesar da inflação e incerteza no curto prazo.

Consultorias como a Price Waterhouse detectam um crescimento no número de empresas dispostas a comprar outras companhias. “A possibilidade de viabilização de negócios aumentou, pois, com o maior interesse dos

compradores, os preços propostos pelos dois lados começam a se aproximar”, observa Raul G. Beer, sócio-diretor da Price. “Embora a inflação alta torne onerosos os financiamentos, há empresas mais capitalizadas que estão dispostas a investir para enfrentar a concorrência externa”, confirma Carlos Petrini, diretor de negócios da Trevisan & Associados. “Elas pensam no médio e longo prazos.”

Emissão de títulos OPÇÃO PARA FINANCIAR

A compra da Artex pela Polônia Participações — formada por um grupo de investidores, entre os quais sócios do Grupo Garantia —, anunciada na semana passada por US\$ 10 milhões, é um exemplo de que a ordem, apesar das incertezas, é aproveitar boas oportunidades de negócios.

Para contornar o custo elevado do dinheiro no mercado interno, muitas empresas estão buscando recursos no exterior.

Estimativa do Citibank, que vem liderando a emissão de títulos, é de que neste semestre a colocação de papéis atinja os mesmos US\$ 2 bilhões captados no primeiro semestre. Instituições como o Bradesco confirmam que há várias operações de lançamento de eurobônus sendo preparadas.

Também o investimento de US\$ 60 milhões que o Grupo Sadia anunciou na última semana será garantido por financiamentos da International Finance Corporation (IFC), agência ligada ao Banco Mundial. “Optamos por tomar recursos no exterior, a taxas menores do que aqui, para conseguir praticar essa política de investimentos”, diz José Fernando Monteiro Alves, diretor de relações com o mercado da Sadia. É justificativa: “a empresa não pode parar de se modernizar, mesmo diante das incertezas”. Os recursos serão aplicados em todas as áreas da empresa, na recém-anunciada joint-venture com a J. Macedo Alimentos e em uma possível associação com uma empresa argentina, cujo nome ainda não foi divulgado. (G.P.)

GIOVANNA PICILLO

A demanda por ativos reais, que havia registrado uma queda nos meses de junho e julho, voltou a crescer em agosto. Diante da aceleração da inflação, da cobrança do IPMF e da preocupação do investidor em buscar proteção para seu dinheiro, reativou-se o interesse por linhas telefônicas e imóveis. As vendas de automóveis, que já estavam aquecidas, bateram, por sua vez, um recorde em agosto, com a comercialização de 107 mil veículos.

A expectativa sobre as medidas que o governo estuda para conter a inflação pode manter aquecida a procura por esses ativos reais, além de aumentar os investimentos em bolsas de valores. Grandes empresas, de outro lado, quase na contramão da crise, fazem novos investimentos, na certeza de que aplicar no próprio negócio pode significar mais garantia para o dinheiro e maior retorno no médio e longo prazos (veja matéria nesta página).

O mercado imobiliário, cuja velocidade de vendas caiu 8,2% em julho, voltou a registrar um aumento na demanda. O número de clientes interessados em adquirir imóveis cresceu 30% em agosto, estima Roberto Capuano, presidente do Conselho Regional dos Corretores de Imóveis (CRECI). “Mas agora a procura não é só por imóveis com facilidade de pagamento”, diz ele. Isso significa que esses clientes, com mais disponibilidade de recursos, buscam imóveis como opção de investimento. “Com a cobrança do IPMF, a aceleração da inflação e, agora, o medo de que haja um novo pacote econômico, os investidores estão colocando ovos em cestas diferentes, se garantindo com ativos reais”, diz Capuano.

Interesse na bolsa PAPÉIS SÃO GARANTIA

A mesma tendência é detectada no mercado de linhas telefônicas. “Depois de dois meses de queda do movimento, retomamos o ritmo de venda de 50 linhas por semana”, diz Edmond Rubie, diretor da Bolsa de Telefones. A recuperação nas vendas, estima ele, é de 20% de agosto para cá. Para outra empresa do setor, a Tekla, o incremento é ainda maior: chegou aos 50% em agosto, segundo Maria Luisa Pregnaca, gerente da divisão de linhas. Os preços, por causa disso, subiram até 38%, por exemplo, no caso da linha Consolação.

Analistas do mercado financeiro observam que a demanda por ativos reais cresceu não só por causa da inflação alta e do medo de um choque, mas, paradoxalmente, porque esses ativos também tornam-se mais atraentes quando se projeta, a médio prazo, a queda da inflação, com a qual o ministro Fernando Henrique Cardoso acena em seu novo pacote.

O interesse pelas bolsas também vem aumentando, pois elas representam uma garantia. “As bolsas ainda são a grande defesa para qualquer plano econômico”, afirma Luiz Eduardo Pinto Lima, vice-presidente do Unibanco. Isso porque elas não seriam afetadas por medidas na área de preços, juros ou câmbio.

Para Luiz Eduardo Assis, diretor do departamento econômico do Citibank, entretanto, “se o problema da inflação não for equacionado, não dá para engatar nem um crescimento duradouro e sustentado”. Na avaliação de Luiz Assis, o grande volume de dinheiro continua ancorado no mercado financeiro, por causa dos juros elevados.